

## REPORTAGEM: APROXIMANDO SALA DE AULA E PESQUISA DE CAMPO

Maria Eduarda de Moraes Sirydakis<sup>1</sup>

Natália Dias Goulart<sup>2</sup>

Nara Caetano Rodrigues<sup>3</sup>

**Resumo:** O Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem, como parte do currículo escolar do 9º Ano (8ª série) do ensino fundamental, o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar, chamado *Pés Na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola*. Esse projeto desenvolve-se em duas etapas, ao longo do ano letivo, sendo a primeira realizada no 1º semestre, com a temática “Luta Pela Posse da Terra”, envolvendo uma saída a campo para a cidade de Itá, Santa Catarina; e a segunda etapa, desenvolvida no segundo semestre, diz respeito à temática “O Brasil Colônia – Séculos XVII e XVIII”, abrangendo uma saída a campo para as cidades históricas de Minas Gerais. Dentre as várias produções relacionadas a essa pesquisa maior, abordaremos, neste trabalho, a reportagem realizada na disciplina de Língua Portuguesa, cuja professora é uma das orientadoras do referido projeto. Com os dados coletados, principalmente por meio das entrevistas realizadas, na cidade de Itá/SC, construímos uma reportagem, focalizando a primeira etapa do projeto, da qual participamos no primeiro semestre de 2011. O trabalho com os gêneros

---

<sup>1</sup> Aluna do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: [dudasirydakiss@hotmail.com](mailto:dudasirydakiss@hotmail.com)

<sup>2</sup> Aluna do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: [natagdias@gmail.com](mailto:natagdias@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Pesquisadora e orientadora. Contato: [nacaetano@yahoo.com.br](mailto:nacaetano@yahoo.com.br)

da esfera jornalística na escola básica vem sendo desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa, há vários anos e no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina não foi diferente. Dessa forma, no 9º ano, tivemos a oportunidade de experimentar a escrita da reportagem, que está situada na esfera jornalística, porém, nosso objetivo, nesse artigo, é problematizar o trabalho com o gênero reportagem na escola como possibilidade de aproximação entre o que é estudado na sala de aula e o que é vivenciado em uma saída de estudos, inserida em um projeto de pesquisa maior. A elaboração do gênero reportagem foi de grande importância para a construção do entendimento daquilo que foi estudado em sala de aula e do que foi aprendido na viagem de estudos à Itá, pois possibilitou o desenvolvimento de uma reflexão sobre o que foi vivenciado, com base na sistematização do que é trabalhado nas várias disciplinas da escola, associado ao que os entrevistados informaram e do que foi possível observar e registrar.

**Palavras-chave:** Reportagem; Pesquisa de campo; Interdisciplinaridade

**Abstract:** At Colégio de Aplicação (CA) of Santa Catarina Federal University (UFSC), the students in the 9th grade of elementary school participate of the Project *Pés Na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola*, which is a two step interdisciplinary project that is developed during the school year. The first stage takes place in the first semester and its subject is “Luta Pela Posse da Terra” and it involves a trip to know the city of Itá, in the west of Santa Catarina state. During the second semester, the last part of the project is to visit historical cities in Minas Gerais state, in the southeastern region of Brazil, where the students will learn about “O Brasil Colônia – Séculos XVII e XVIII”. This work handles a reporting made in the course of Portuguese Language, whose teacher is one of the advisors of such Project. The reporting presented here was written based mainly on the interviews performed in Itá city, as a result of the first part of the project, developed in the first semester of 2011. In the curricular proposal of Portuguese Language for several years has been taught reporting genre, such as news reporting genre, and it also occurs at Colégio de Aplicação – UFSC. Thus, the students of 9th grade had the opportunity of experience news reporting, a kind of writing from

journalistic sphere. This article objective is to discuss the work with reporting genre as an opportunity to approach the subject taught in the classroom and what is experienced in the study trip, as part of a larger project. Creating texts using reporting genre was very important to build our understanding of what was studied in the classroom, and also what was learned during the study trip to Itá. All this allowed us to reflect about our experiences, thinking about the subjects that we had worked in each disciplines from our school, as well as, associated with the information from the interviews and everything that we could observe and register.

**Keywords:** Reporting; Field research; Interdisciplinarity

### **Primeiros Passos**

Em um primeiro momento, faremos uma contextualização da atividade maior na qual se desenvolveu a produção da reportagem que é o foco do presente artigo. Na sequência, apresentamos a descrição e a reflexão sobre a experiência com o gênero específico reportagem, considerando reflexão teórica sobre o trabalho com gêneros na escola e, posteriormente, tecemos considerações sobre as aprendizagens a partir dessa vivência de pesquisa e produção de reportagem.

O projeto *Pés na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola* é executado nos 9ºs anos (8ª séries) do Ensino Fundamental, no Colégio de Aplicação/CED/UFSC (CA), desde 1999, tendo duas aulas destinadas às atividades de iniciação científica (IC) incluídas na grade curricular, a partir de 2010. Nessas aulas de IC, os alunos se reúnem em grupos com seus professores orientadores, que são responsáveis por dar as diretrizes para a construção de seus respectivos trabalhos.

O processo de pesquisa se desenvolve ao longo de todo o ano: primeiro os grupos e os orientadores dos mesmos são definidos através de um sorteio; em um segundo momento, ocorre a escolha do subtema com o qual se quer trabalhar - isto é feito a partir de um

grande eixo proposto pela coordenação do projeto; depois são realizadas as leituras prévias (livros, artigos, internet, revistas, textos disponibilizados pelos professores, entrevistas na cidade natal, etc.); elaboração dos questionamentos que serão realizados com os entrevistados na cidade a ser visitada; o próximo passo é organizar tudo que já se tem até o momento em um projeto de pesquisa; como etapa seguinte, ocorre a saída a campo à cidade citada, coleta de dados, entrevistas, visitas a museus, a órgãos públicos, etc.; na volta da viagem, ocorre a produção de ensaios escolares e reportagens, com embasamento nos dados coletados; por fim, acontece a apresentação do resultado final por meio do recurso digital *power point* no SIC (Seminário de Iniciação Científica – Colégio de Aplicação/CED/UFSC), tendo como público alvo pais, professores, alunos, servidores e comunidade em geral. Além do seminário, os alunos ainda têm a oportunidade de expor o que foi pesquisado em um evento maior na universidade: a SEPEX – Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC.

Assim, em 2011, pudemos vivenciar pela primeira vez como é elaborar um projeto, sair a campo e, posteriormente, produzir uma reportagem e um ensaio resultante dessa saída. Esta oportunidade veio através do projeto referido acima. Neste ano, cada uma das pesquisadoras (Maria Eduarda de Moraes Sirydakís e Natália Dias Goulart) realizaram seus projetos de pesquisa separadamente, juntamente com outras colegas e os títulos/professoras orientadoras foram, respectivamente: "O que mudou na vida escolar do itaense após a construção da Usina Hidrelétrica de Itá", com orientação de Lisiane Vandresen, e "Rio Uruguai: a história dos usos e abusos", com orientação de Nara Caetano Rodrigues. Os projetos orientaram as pesquisas em campo e originaram os ensaios com os seguintes títulos, respectivamente: "Uma visão dos moradores de Itá sobre os impactos ocorridos após a construção da Usina Hidrelétrica" e "Energia para a vida. Será?". A questão do deslocamento de cidade dos moradores instigou muito a curiosidade da dupla de trabalho e

pesquisa, que juntamente com a professora de Língua Portuguesa, Nara Caetano, elaborou perguntas para serem parte integrante de uma entrevista a ser realizada com os moradores do município para a construção de uma reportagem a ser veiculada em uma revista online ou impressa, como parte da avaliação na disciplina.

### **O trabalho com reportagem: uma experiência**

Segundo Vilarinho (s/d), a reportagem é um gênero jornalístico que tem como principal objetivo levar os fatos ao leitor de maneira abrangente e clara. Difere da notícia no aspecto da objetividade, já que esta informa as razões e efeitos de uma maneira mais direta, enquanto a reportagem vai mais a fundo, tecendo comentários, fazendo investigações, discutindo e argumentando.

Como um gênero que possui certa estabilidade, há alguns elementos possíveis de serem identificados na constituição da reportagem, ainda de acordo com Vilarinho (s/d): *manchete*, que compreende o título da reportagem, que deve ser mostrado de forma atraente para chamar a atenção do leitor, resumindo do que trata o texto que está por vir; *lead*, que se trata de um pequeno resumo, abaixo da manchete, mais longo e mais explicativo que a primeira, para atrair ainda mais a curiosidade do público; *corpo*, que é o texto da reportagem em si, conta os fatos e discorre sobre os comentários e dados obtidos.

A seguir, passamos para a descrição e discussão de nossa experiência com pesquisa na escola e elaboração do gênero reportagem, a partir de uma saída de estudos para a cidade de Itá/SC, que está situada no oeste de Santa Catarina.

De acordo com as leituras realizadas na pesquisa preliminar, em sites institucionais como <http://www.ita.sc.gov.br/home/index.php?>, <http://www.ibge.gov.br/home/> e [http://www.turismoita.com.br/arquivos\\_internos/?abrir=conheca\\_ita,](http://www.turismoita.com.br/arquivos_internos/?abrir=conheca_ita)

a cidade foi colonizada por alemães que vieram do Rio Grande do Sul, atravessando os povoados de Santo Antônio, Três Arroios e Dourados, seguindo até as margens do Rio Uruguai, no início do século XX. A primeira família a se alojar no local foram os alemães de sobrenome Schauble, que vieram de São Paulo com seus filhos, no dia 21 de maio de 1919. Neste mesmo ano, o caboclo Luiz de Campos batizou o município com o nome de "Itá", que em língua Tupi Guarani significa "pedra".

Na década de 1950, foi erguida a primeira usina hidroelétrica de Itá, que foi batizada de Cooperativa Força e Luz Itaense de Representação Ltda. Sua inauguração contou com a presença do então governador do estado Irineu Bornhausen. Porém, a usina esteve em funcionamento somente durante 15 anos, quando a empresa CELESC, no ano de 1967, ofereceu energia estadual. Com o fechamento desta primeira usina, a cidade ficou sem este tipo de empresa durante alguns anos, até que, em 1978, a população recebeu a notícia que mudaria suas vidas: ocorreria a construção de uma nova usina e a cidade iria desaparecer. Em 1979, foi lançada oficialmente a construção da usina, porém, na década de 1980, em função de pouco envio de verba por parte do governo, a obra foi embargada e ocorreu um fato, no mínimo, inusitado: existiram duas cidades, a nova e a velha Itá. Até que, em 13 de dezembro de 1996, com a então conclusão da obra, foi inaugurada a nova Itá, sendo que a antiga foi invadida por água, o que hoje forma o lago da represa.

Hoje em dia, a cidade possui uma população de 6427 habitantes (conforme censo do IBGE 2010), ocupando 165,00 Km<sup>2</sup>, possuindo uma altitude média de 520 m, com clima mesotérmico úmido e temperatura média anual de 18°C. Atualmente a economia da cidade é movimentada principalmente pelas indústrias, seguidas de serviços e agropecuária, contrariando as expectativas do estado que tem como ponto forte o setor dos serviços, seguido das indústrias e, por último, vem a agropecuária.

Nesse contexto, construímos nossa reportagem (em anexo), focalizando a primeira etapa do projeto maior referido anteriormente, que pudemos vivenciar no 1º semestre de 2011.

O trabalho com os gêneros da esfera jornalística na escola básica vem sendo desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa há vários anos e no ensino do CA da UFSC não foi diferente.

Os problemas sociais ocorridos com os moradores de Itá são motivos interessantes para a construção de uma reportagem, pois é possível discorrer sobre, ouvindo opiniões, tecendo comentários e preenchendo a questão do interesse público sobre o tema que o gênero pede. A reportagem que produzimos tinha como principal objetivo divulgar e informar aspectos da viagem de estudos, focalizando mais especificamente a visão dos moradores sobre a realocação da cidade em função da construção da usina hidrelétrica Itá.

Nossa reportagem teve como título “Itá pelos olhos de quem mora lá”, possuía duas páginas e intercalava texto visual com texto verbal (conforme anexo). Assim, procuramos investigar um pouco mais sobre a vida dos habitantes da pacata cidade de Itá a partir de algumas perguntas como: o que mudou na vida dos habitantes com a construção da usina hidroelétrica? Como era viver na antiga Itá? Como é viver na nova Itá? A partir destas perguntas, foram obtidas respostas muito semelhantes, em referência ao fato de que foi difícil a mudança de cidade, mas que viver na nova Itá é muito bom e que a mudança trouxe muitos benefícios, sem deixar de lado os malefícios que foram trazidos de igual maneira. O que evidencia certa contradição no posicionamento dos moradores sobre a realocação da cidade em função da construção da usina hidrelétrica.

Em algumas das entrevistas feitas para a construção da reportagem, conversamos com Dona Maria Pozzbon, uma itaense de origem italiana que teve uma vida sofrida, pois estudou somente até a 1ª série do ensino fundamental, já que precisava ajudar os pais na lavoura, prática muito comum no passado e, principalmente, no

interior catarinense. Ao longo dos anos, foi adquirindo prática na venda de milho e amendoim para garantir o seu sustento e com as sobras desses alimentos, ainda fazia artesanatos variados, como bolsas e chapéus, além de peças de crochê. Uma das falas de Dona Maria foi a respeito da educação em ambas as cidades, porque na nova Itá percebe-se que a locomoção até a escola melhorou e, com isso, aumentou o número de estudantes matriculados. Seu Antônio Simom, agricultor e ex-líder do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), que, assim como Dona Maria, teve que abandonar os estudos muito cedo, trabalha na lavoura e não foi prejudicado diretamente com a construção da Usina Hidrelétrica, porém foi líder do movimento, pois percebeu que o povo necessitava de ajuda. João André, menino de 8 anos, que é uma visão do futuro de Itá, contou que gosta muito da cidade onde nasceu e está crescendo. João é neto de agricultores e filho de uma das organizadoras do evento Semana dos Museus (semana repleta de atividades com o intuito de reavivar a memória dos itaenses a respeito da antiga cidade de Itá) entre outros.

As atividades com o gênero jornalístico reportagem, abordado na sala de aula, começaram com as discussões sobre as condições de produção desse gênero (autoria - quem escreve a reportagem; o jornalista responsável; público leitor – a quem provavelmente se destina a reportagem, se são crianças, jovens ou adultos; suporte – onde a reportagem é publicada, se é em revista, jornal impresso ou internet; finalidade – objetivo maior do tema que a reportagem aborda; divulgação – locais onde circula a reportagem. Além disso, também foram analisadas algumas reportagens quanto à linguagem verbal e visual constitutiva do gênero, com destaque para a complementaridade entre o texto verbal e o visual (gráficos, infográficos, fotografias, tabelas etc).

Na sequência, as estratégias utilizadas pela professora em sala de aula com seu 9º ano/8ª série, após a coleta de dados para auxiliar na construção das reportagens foram: resgate do material coletado através de transcrição das entrevistas, análise dos principais



jornais que circulam na cidade, com o intuito de observar como se escreve uma reportagem, primeira versão da reportagem escrita em duplas durante a aula, devolução corrigida pela professora apontando o que deveria ser melhorado para enriquecer ainda mais o já escrito, correções feitas em casa e enviadas para a professora por recursos digitais (e-mail) e, por fim, apresentação nos meios já citados.

A partir da escrita da reportagem em sala de aula e com enfoque neste tema de extrema importância para a comunidade, os alunos puderam não só aprender a escrever adequadamente o gênero reportagem, como também puderam conhecer e vivenciar as histórias de pessoas que têm muito o que contar, visto que passaram por uma situação, no mínimo, inusitada e desgastante. A conversa com estes moradores que, de alguma forma, seja no passado ou no presente, foram atingidos pela construção da barragem, trouxe uma maior compreensão dos diferentes modos de vida que as pessoas enfrentam, bem como das situações passadas por moradores que foram retirados de seus lares para a construção de um mega empreendimento.

No que diz respeito à construção da usina hidroelétrica na cidade de Itá, pudemos perceber e mapear os problemas vivenciados pelos moradores que tiveram de ser deslocados. Estes problemas foram de diversos níveis: perder o imóvel e não ganhar outro, mudar radicalmente o tipo de terreno onde morava, desfazer laços com antigos vizinhos/família, incapacidade de plantação nos arredores do lago da usina, desaparecimento da fauna e flora local, com extinção de algumas espécies, mudança de clima, vegetação e história da cidade, etc. Por outro lado, a construção trouxe benefícios para o estado: geração de empregos, riqueza e uso dos recursos naturais de forma que ajude a população.

Além de entrevistas com os moradores de Itá, utilizamos os recursos de pesquisa na internet e em livros, fotografias, análises e a observação *in loco*, o que nos possibilitou uma visão mais ampla do tema em questão e viabilizou a produção da reportagem. A ida a campo para ouvir as pessoas diretamente envolvidas no

acontecimento apresentado na reportagem proporcionou a vivência de uma situação real de quem sai em busca da informação diretamente na fonte para apresentar ao público.

### **Reportagem escolar: que gênero é esse?**

O trabalho com os gêneros da esfera de imprensa ou jornalística no ensino fundamental é indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ao apontarem os gêneros privilegiados para as práticas de linguagem oral e linguagem escrita no 2º e 3º ciclos.

Nossa hipótese para discutir o gênero reportagem, nos moldes em que é trabalhado na escola, é a de que é justamente a esfera social – escolar – que determina as demais dimensões do gênero em análise e faz dele um gênero com identidade própria. Em vista disso, torna-se bastante relevante referenciar o trabalho de Schneuwly e Dolz sobre os gêneros escolares.

Em artigo sobre a relação entre os gêneros escolares como objetos de ensino e as práticas de linguagem, tais autores (1999, p. 7) lembram que a escola sempre trabalhou com os gêneros, para atingir seu objetivo de ensinar a falar, a ler e a escrever. Eles ressaltam, entretanto, que as especificidades da situação escolar provocam um desdobramento no qual "o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem."

Para Schneuwly e Dolz, é possível distinguir, pelo menos, três formas de trabalhar com o ensino da escrita e da fala tendo por objeto o gênero e suas relações com as práticas de referência. Ressaltam, entretanto, que os gêneros apontados nos três grupos são "tipos ideais" que não aparecem de modo puro, eles podem se apresentar em formas mistas, com o predomínio de uma ou de outra.

No primeiro grupo, eles apontam as seqüências textuais estereotipadas: narração, descrição e dissertação, consideradas por

eles como "autênticos produtos culturais da escola". Esses "gêneros escolares-guia" não têm como objetivo a comunicação entre os interlocutores – alunos e professores –, mas servirem de "modelos concretos para o ensino", independentemente das práticas de linguagem constituídas nas situações de interação concretas. Os autores assim caracterizam tais gêneros:

Mesmo que eles sejam originários da tradição literária e retórica, não se fazem a definição e descrição dos gêneros escolares em relação a gêneros historicamente situados, que correspondem a práticas de linguagem, mas em relação a necessidades consideradas como sendo aquelas dos objetos descritos: lógica do objeto ou do pensamento. Os gêneros são naturalizados. (SCHNEUWLY E DOLZ, 1999, p. 8).

Em um segundo grupo, são incluídos gêneros novos que surgem em decorrência do funcionamento da comunicação escolar, por exemplo, o texto livre, o seminário, a correspondência escolar e o jornal de classe. Nesse caso, não há uma referência a outros gêneros que circulam fora do espaço escolar: "A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros." Aqui, também há um processo de naturalização, "o gênero nasce naturalmente da situação", não é descrito, não é um instrumento que possa ser usado em práticas sociais de linguagem efetivas, em outras esferas que não a da escola. (SCHNEUWLY E DOLZ, 1999, p. 9).

No terceiro grupo, os autores situam os gêneros utilizados nas situações autênticas de comunicação que são introduzidos na escola sem sofrer alterações. Negam a escola como lugar de uma

comunicação específica, uma vez que o objetivo é "o domínio, o mais perfeito possível, do gênero correspondente à prática de linguagem para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado." (SCHNEUWLY E DOLZ, 1999, p. 9).

Os pesquisadores chamam atenção para a necessidade de uma revisão dos gêneros escolares, o que exige um trabalho complexo de avaliação e o desenvolvimento de novas pistas de trabalho. O principal fator de complexificação do trabalho com os gêneros na escola e sua relação com as práticas de linguagem é o fato de que, em um lugar social diferente daquele no qual foi originado, o gênero sofre uma transformação. No ambiente escolar, ele passa a ser gênero a aprender, mesmo permanecendo um gênero usado para comunicar. Desse modo, na concepção dos autores "o gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem, para funcionar numa instância cujo objetivo primeiro é precisamente este." (SCHNEUWLY E DOLZ, 1999, p. 11).

Em qual dos grupos se poderia incluir a reportagem produzida?

Como bem destacam Schneuwly e Dolz, os agrupamentos definidos por eles fazem referência a gêneros que são "tipos ideais", assim não é possível enquadrar perfeitamente as reportagens produzidas na escola em um dos grupos. Não se incluem no primeiro grupo, porque não podem ser consideradas no conjunto das sequências textuais, destituídas de qualquer vínculo com as práticas de linguagem. Na produção textual em questão, há uma interação entre os interlocutores, há o conhecimento da finalidade pelos interlocutores e da circulação (mesmo que restrita ao espaço escolar).

Quanto ao segundo grupo, pode-se dizer que as reportagens enquadram-se parcialmente nesse grupo, pois surgiram em decorrência do funcionamento da comunicação escolar. Mesmo inseridas em um conjunto de atividades de pesquisa, desenvolvido

em um projeto interdisciplinar, as reportagens foram produzidas atendendo especificações escolares e como parte do processo de ensino e aprendizagem de práticas de linguagem na disciplina de Língua Portuguesa.

Schneuwly e Dolz incluem nesse grupo os gêneros que não são descritos, nem são utilizados em práticas sociais efetivas fora da escola. Mas, a escola não é um lugar de práticas sociais efetivas? Se há um propósito comunicativo, se há um acabamento do enunciado que permite a alternância dos sujeitos (BAKHTIN, 2003), há um processo de produção genérica dessa esfera social específica que precisa ser reconhecido como tal. Não é uma simulação, é uma situação autêntica de comunicação escolar.

No terceiro grupo, os autores situam os gêneros utilizados nas situações autênticas de comunicação de todas as outras esferas, que não sofrem alterações ao serem introduzidos na escola – será isso possível? Parece haver aqui uma contradição, pois os autores afirmam que "o gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência".

As reportagens podem ser consideradas, por um lado, um gênero decorrente do funcionamento da comunicação escolar e, por outro, um gênero que se origina de outros gêneros que circulam em outras esferas sociais, com outras finalidades, interlocutores diferentes... no caso, a reportagem impressa da esfera jornalística.

### **Considerações finais**

A elaboração didática do gênero reportagem evidencia a importância da abordagem das condições de produção para a apropriação do gênero por parte dos alunos, bem como a necessidade do trabalho com análise linguística numa perspectiva mais ampla na orientação da reescrita dos textos. A indicação dos aspectos linguísticos que precisam ser melhorados em um texto produzido pelos próprios alunos, com o objetivo de adequá-lo ao gênero, torna

a aprendizagem mais significativa, pois os conteúdos estão em um contexto de uso.

A elaboração do gênero reportagem foi de grande importância para a construção do entendimento daquilo que foi aprendido na viagem de estudos à Itá, pois possibilitou o desenvolvimento de uma reflexão sobre o que foi vivenciado, com base na sistematização daquilo que os entrevistados informaram e do que foi possível observar e registrar.

O uso deste gênero na produção de um texto a partir de uma vivência é extremamente significativo na vida cotidiana do estudante, pois permite um maior entendimento do universo interdisciplinar que está por trás de uma atividade como esta. Este trabalho trouxe uma maior reflexão sobre as maneiras de viver, se sustentar, se adaptar e conviver com o novo, enfrentando as contradições de uma mudança que trouxe tanto melhorias nas condições de vida quanto prejuízos à população de toda uma cidade em função da construção de uma usina hidroelétrica.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Depois de 20 anos de luta, MAB conquista decreto que define quem são os atingidos por barragens. **A voz dos Atingidos**, p. 3, Março 2011.

A Produção de Energia Hidrelétrica. Agência Nacional de Águas (ANA) e Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Setor Elétrico na Bacia do Rio Uruguai. Disponível em:

<<http://mabnacional.org.br/?q=artigo/setor-el-trico-na-bacia-do-rio-uruguai>> Acesso em Maio de 2011.

Dados do município de Itá. Disponível em:

<<http://www.ita.sc.gov.br/>> Acesso em 11 de Setembro de 2013.

Estatísticas do município de Itá. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=420800>> Acesso em 11 de Setembro de 2013.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Os Gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação** n.11, 1999, p. 5-16.

VILARINHO, Sabrina. A reportagem. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/redacao/a-reportagem.htm>> Acesso em 11 de Setembro de 2013.

Anexo - Reportagem

### Itá pelos olhos de quem mora lá

*Por Maria Eduarda de Moraes  
e Natália Dias*

**Personalidades locais contam  
por meio  
do cotidiano, como era a vida  
antes da  
construção da Usina  
Hidrelétrica de Itá  
e como está agora.**



Você já conhece a cidade de Itá?

As torres da Igreja da antiga cidade.

Se a resposta for sim, com certeza você já fez planos para voltar! Já se a resposta for não... Vale a pena conhecê-la!

Em visita realizada à Itá, no período de 18 a 20 de maio, foram entrevistadas três pessoas da comunidade local. Confira abaixo os detalhes:

#### **Maria Pozzblon: um exemplo de superação**

No dia 21 de dezembro de 1944, nascia Maria Pozzblon, uma itaense de origem italiana. Essa senhora de 66 anos esbanja muita vitalidade e orgulho da sua história de vida. História essa, que não foi fácil: Maria estudou somente até a 1ª série do ensino fundamental e já com sete anos ajudava os pais na lavoura. Porém, ela enfrentou essa guerra com muita garra, bom-humor e superação.



Ao longo dos anos, foi adquirindo prática na venda de milho e amendoim para garantir o seu sustento e com as sobras desses alimentos, ainda fazia artesanatos variados,

como bolsas e chapéus, além de peças de crochê.\*

Descendente de italianos, sabe fazer macarrão caseiro, lasanha, risoto... Uma delícia! E olha só que curioso: com a sua família, inclusive com seus netos, ela conversa em italiano. Uma excelente preservação da cultura!

“Porque eu sou viúva, daí recebo documentos para assinar e só sei ler o que está no documento, se vier com letrinha diferente, já não sei mais!” diz Pozzbon.

Essa capricorniana, que ficou viúva ainda ano passado, revela que gosta muito da cidade de Itá. Diz ainda que a educação indiretamente melhorou: “Porque antes, as crianças, para ir para a escola, levavam três horas a pé, estrada de chão batido... Hoje, menos de dez minutos!

Antes era normal, mas hoje é um perigo!”

### **Antônio Simom: uma amostra de tradição**

Em janeiro de 1941, chegava ao mundo Antônio Leopoldo Simom.



Desde pequeno já era muito trabalhador e, como Maria, também teve que abandonar os estudos muito cedo. Segundo seus relatos, trabalha na lavoura e, teve a sorte de não ser prejudicado com a construção da Usina Hidrelétrica.

O entrevistado é um ex-líder do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem) e compartilhou os interesses do movimento: “Nós batalhávamos para que todas as famílias recebessem suas devidas indenizações”.

Muito devoto da Igreja Católica, Antônio não perde uma missa. Também se surpreende pelo fato dos estudantes do Colégio de Aplicação – um colégio da capital – se interessarem em conhecer a cidade de Itá.



Um dos assuntos que ele abordou, foi a questão das drogas e de como tem medo de que um de seus netos caiam nesse mundo. “Mas lá na capital, vocês têm algum programa contra drogas?”, questiona Simom todo cauteloso, sem saber se iria nos ofender. E ainda complementa: “Porque eu e a Deusa criamos oito filhos da melhor maneira possível,

então a gente tem medo, né?”. Mas espera aí, quem é “Deusa”? Deusa é o apelido carinhoso que Antônio deu a sua mulher, Julieta. Nesse momento, a reportagem é interrompida, pois Antônio

Leopoldo tinha uma reunião na Igreja, afinal de contas ele é um dos líderes da comunidade!

### **João André: uma visão do futuro**

Em agosto de 2005, a cegonha trouxe mais um presente para Itá: João André, um “alemão” todo cheio de graça.

Pelo pouco que falou, o menino já demonstrou amar a pacata cidade em que vive: Itá

João é neto de agricultores e filho de uma das organizadoras do evento Semana dos Museus. Todos os seus ancestrais são de origem alemã.

André é um menino muito carismático, e se perguntares a ele o que quer ser quando crescer, a resposta é uma só: “Não sei se quero ser médico ou professor de educação física... Ou então arquiteto! Só sei

que quero ajudar Itá, gosto muito dessa cidade!”. Realmente o futuro de Itá promete; João, evidentemente, será um bom líder comunitário.

E aí, não ficou com vontade de conhecer Itá, depois de a ver pelos olhos de quem mora lá?

\* Consultoria de preços:

Bolsa da palha do trigo – R\$  
90,00

Chapéu da palha do trigo – R\$  
25,00

Porta pratos de crochê – R\$  
35,00

Cesta da palha do trigo – R\$  
15,00

